



Uma leitura de Penélope – A Infanta, de Alice Sampaio

Ler Penélope de Alice Sampaio tem sido um desafio e uma viagem fantástica, surpreendente, enriquecedora e libertadora. Pretendo continuar esta viagem, porque tenho ainda muito para descobrir.

Modernista, publicada em maio de 1977, é uma obra fascinante desde logo devido à linguagem única que estimula os sentidos e nos prende numa teia libertadora. Não é fácil ler Penélope. O discurso surpreende pela ausência de sinais de pontuação e pela utilização de letras minúsculas surgindo inesperadamente frases que parecem subtítulos em letras maiúsculas e que logo levantam questões. Por isso, ler Penélope significa estarmos constantemente a interrogarmo-nos perante aparentes absurdos e a maravilharmo-nos com tanta originalidade e sensibilidade.

Comecei a ler Penélope com avanços e recuos sem saber que sentido dar ao discurso. Então, percebi que tinha de me libertar de toda a construção lógica de regras gramaticais e semânticas para saborear e sentir as sonoridades das palavras. Comecei, assim, uma leitura fluida, atenta a cada palavra como se lesse à superfície, como se saltasse de pedra em pedra as poldras do Rio Côa. A leitura seria um enovelar e, talvez, encontrasse o fio à meada.

E assim foi! Ler sem procurar a lógica que normalmente liga raciocínios. Ler, indo à aventura. E fui lendo! As palavras iam surgindo cada uma com a sua importância e beleza. Independentes, fortes, livres. Ao ler em voz alta, senti a sonoridade e o ritmo do discurso, ora mais ruidoso, ora um murmúrio. As aliteraões, repetições, onomatopeias, sinestésias davam cor, ritmo e movimento ao texto. Foi um soltar de amarras. Isso teve um efeito libertador em mim.

Ouvi as vozes das rezas e os maldizeres, o *dizque, dizque* e o *cal'te boca* das ti comadres, a gritaria da garotada, o vento, a água dos riachos, o zumbir das abelhas, o arrulhar das aves, o som do órgão, os ruídos na casa grande. Ouvi lengalengas, choros e risos, entrei na sala-do-relógio onde havia a grafonola de corola. Vi o colorido das flores do campo e dos altares da igreja e dos andores nas festas da aldeia. Senti o cheiro das velas, do sangue dos animais, o calor e o abafado dos xailes pretos, a rudeza dos trabalhos do campo, a terra, a dor e o cansaço das mulheres, a comadre ti ufrásia e os defumadoiros. Senti a miséria, a fome, a negrura, o medo do pecado, os feitiços e a água benta, o "*vale de lágrimas*" do mundo fechado que era a aldeia.

E, de repente, estava dentro da obra, envolta pelo ambiente, a viver alegrias e tristezas, a sentir o medo, os fantasmas, o carinho, a doçura (a doçura da mãe) e a raiva. E, sobretudo, a surpreender-me em cada página e a emocionar-me sempre. Chegada ao fim da primeira leitura, tive de recomeçar a ler. Já fizera algumas aprendizagens e precisava de ler novamente. Seria como Penélope, paciente e resiliente, tecendo as palavras, desfazendo nós.

Assim, muitas vezes demorei horas a fio numa página para descodificar sentidos em cada palavra, cada referência literária, histórica, bíblica, cada pintura, porque, afinal, tudo se encaixa como num puzzle. Ler Penélope é isso: construir e desconstruir para encontrar o fio à meada no meio do emaranhado de palavras.

Penélope é um grito de revolta contra um mundo pequeno fechado cheio de preconceitos, com as tí comadres a contarem “escandaleiras” das “lambisgoias” e “santidades” das donas “inhas”. Vive-se apertado pelas regras da igreja e da moral e bons costumes, entre o bem e o mal, o sagrado e o profano, o ser e o parecer. É uma viagem entre a vida e a morte “*tinha a vida e a morte muitos disfarces*” (p.171).

Penélope é uma viagem no tempo e no espaço com o retorno constante à infância na aldeia que tanto marcou a escritora “...*agradabilíssimo aquele chá as damas recostadas em almofadões (e o retrato guardava-se como a última surpresa do dia (com música de mozart para o chá das cinco) e sempre as comadres de finnegans do coa a clamar contra a porca da vida sempre a garotada travessa e cruel a pintar-a-manta (era para risada com trechos de Mozart e Bach que escutavam religiosamente na igreja...*” (p. 118)

Alice Sampaio leva-nos, assim, nessa viagem estimulante tanto ao mundo rural português de meados do século XX, com a vivacidade das expressões populares, como a T. S. Eliot, Baudelaire, Balzac, Proust, Ezra Pound, Fernando Pessoa ou a salmos do antigo testamento da bíblia. Conduz-nos à pintura de Botticelli, de Edouard Manet, de Dalí, à guerra colonial, à música de Bach, etc. Acho isso maravilhoso!

Penélope é ainda uma viagem filosófica sobre a insatisfação, a frustração e a intranquilidade de alguém que “*queria um universo que...obedecesse a outras leis*” (p. 167) e que pudesse parar a “CORRENTEZA DO TEMPO”, os fantasmas e encontrarem o seu espaço.

É impossível ficar-se indiferente a esta obra. Ela é perturbadora. Espicaça a curiosidade, desperta os nossos sentidos, incita à procura e à reflexão, enriquece-nos e transforma-nos. Penélope é um mundo cheio de mundos que

precisa e merece ser lido e relido; é uma obra de estudo e de análise. Estou certa de que cada leitura trará novos sentidos. E, quando paramos de ler, há vozes que continuam a falar na nossa cabeça.....

Estou muito grata a Alice Sampaio por nos ter deixado a sua voz.

Fátima Martins

Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, Guarda, 12 de maio de 2023



Fátima Martins é professora e uma grande leitora. Embora tenha nascido na Alemanha, tem desde sempre o coração entre Mido, terra natal de Alice Sampaio, e Castelo Mendo, terra de adoção e origem de Alice. Nesta fotografia, junto ao *ólmo* (olmo) do largo da aldeia.

Intervenção por ocasião da apresentação do livro Penelope — A Infanta, volumes I e II, de Alice Sampaio, edição Um Coletivo / Livraria Tigre de Papel, por Ricardo Boléo, Fernando Ramalho, Tânia, Fátima Martins e Cátia Terrinca, com a presença de Ana Sampaio

Fotografia inicial de parte de um texto de Eduardo Lourenço, exposto na Biblioteca Municipal:
«Quando um livro é para quem lê como uma árvore, o sol ou um rio, quer dizer, quando não se sabe que se está em face de um livro mas da natureza inteira, ou de uma parte dela que reenvia à totalidade, então o acto que se cumpre nele é o que se assemelha mais a uma leitura. A sublime inocência dessa leitura significa que quem lê é então tudo, salvo um leitor. Um leitor é semelhante a um anjo expulso do “verde paraíso dos amores infantis”, é um pobre adulto para quem o Messias já passou. / Ler é ser lido a partir de um texto que de todos os lados nos inunda e submerge, preservando sob a vaga que nos fascina um esplendor imóvel como o do mar. Uma leitura assim é a da Infância imersa no glorioso tumulto de aventura lida, do adolescente prisioneiro de irreais melancolias, do adulto fascinado pelo que está escrito e não tem nome.»